

JOSÉ MAURÍCIO DE CARVALHO. *Filosofia da Cultura: Delfim Santos e o Pensamento Contemporâneo.* Porto Alegre. EDIPUCRS, 1999. 21 x 14 cm., 150 pp. Coleção Filosofia, 85. ISBN: 85-7430-025-X.

Trata-se de um trabalho que surgiu cumprindo as exigências do Concurso para Professor nos Departamentos Acadêmicos da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei. De uma forma sumária, Carvalho apresenta em três capítulos o ideário do filósofo lusitano Delfim Pinto dos Santos (1907-1966). Examinando as principais questões filosóficas discutidas pelo pensador português, o A. lança um olhar cuidadoso sobre os temas culturais do pensamento contemporâneo. Resultado deste trabalho analítico é este pequeno livro sugestivo, claro, conciso e atual.

Segundo Delfim, o homem vai forjando a sua cultura ao desenvolver as diversas possibilidades espirituais que lhes são inerentes. Atribui valores às coisas, cria condições melhores para viver e viver bem; em uma palavra, faz cultura. De fato, é impossível pensar a cultura sem referir-se àquele que a cultiva: o homem. O pensamento contemporâneo o resgata, como também resgata a luta por sua dignidade. Neste sentido, ganham ênfase os temas culturais que contribuem para o aperfeiçoamento moral dos indivíduos ou seu amadurecimento coletivo. O A., seguindo o pensador lusitano, termina por definir a cultura como atividade criadora do espírito humano. É este o conteúdo do primeiro capítulo. Não menos interessante é o capítulo II, onde o A. confronta o pensamento de Delfim Santos com o pensamento de alguns autores contemporâneos, tais como Hartmann, Husserl, Heidegger e Ortega. Estes autores, cada qual a seu modo, exerceram influência sobre o ideário do pensador lusitano. Delfim conduz profundo diálogo com Hartmann, confirmando a intuição de que o método lógico rigoroso não invalida todo o passado filosófico. Resgatando o valor do passado pode-se pensar no futuro.

Neste sentido, o que promove o progresso em Filosofia é o penetrar no sentido da problemática do ser, não o ser em geral, mas em especial o ser do homem com os problemas que o envolvem. No evoluir de seu pensamento Delfim enfrentou o denominado realismo crítico, problema tratado também por Husserl. Diferentemen-

te de Husserl, Delfim enfatizou a importância do neopositivismo crítico, apontando os limites da ciência e de uma filosofia que a tinha por objeto. Daqui surge a crise da humanidade, que ao valorizar a tecnolatria, criou uma visão truncada do homem numa série de fatores desumanizantes. Com os olhos voltados para o Absoluto, Delfim vê a necessidade de conferir o primado aos verdadeiros valores - os do espírito, apanágio da cultura humana. A questão da Filosofia continuava, para Delfim, a questão do ser, problema fundamental da Filosofia de Heidegger. Quanto à influência de Ortega, vale o reconhecimento da finitude humana como possibilidade de encontro com o outro. A descoberta do outro é a ponte utilizada por Delfim, para transitar da interioridade para o mundo da cultura. O envelhecimento e a morte constituem lições fundamentais, pois comprimem e enchem a vida de densidade exigindo que o homem faça o melhor a cada instante.

A parte mais relevante do livro encontra-se no capítulo III, que focaliza, de forma magistral, onze temas culturais momentosos da civilização hodierna. São eles: humanismo e religião; a ciência e a crise do homem; a ciência e a cultura; a linguagem e o homem; a ética e a cultura; o homem e as trilhas da liberdade; a cultura é atividade; a dinâmica da cultura; a técnica e a cultura; a educação e a cultura; e, por fim, a universidade e a cultura. Jogando com as categorias de tempo, o A. enfatiza o lugar da ação do homem. Ele vive, pois, o presente. É no agora de sua existência que o passado e o futuro ganham importância. O principal da história é o seu agente, o homem. O grande desafio do nosso tempo é a humanização do homem. Para tanto, faz-se mister uma vocação pedagógica a serviço do homem (humanismo). Esta vocação passa pela religião que defende, valoriza e propaga os valores do espírito.

A absolutização da ciência levou ao esquecimento do homem. Os cientistas afastaram-se do compromisso com a verdade e com o futuro do homem; eis a raiz da crise moderna. A filosofia, com a sua função crítica, é proposta como instrumento de explicitação do ideal valorativo do homem. Neste sentido, ganha importância a linguagem. Ela propicia a interação e possibilita o que

chamamos de disciplinariedade e que se encontra na base do diálogo, essencial fundamento da presença humana. A especificidade da vida humana está nas suas possibilidades morais, na alternativa de aperfeiçoamento contínuo, no exercício do amor, na abertura ao outro... , na criação de uma cultura. O processo de edificação do sentido e implantação dos valores, que vai elaborando o tecido da cultura, é fruto da meditação e da genialidade de um sujeito concreto. A cultura é um contínuo palpar de novas intenções, ideais, valores, etc. A técnica, como instrumento a favor do homem, não era incompatível com o projeto de humanização do homem. O que a torna incompatível é o seu uso hipertrofiado ou inadequado.

O A. percebe que esta análise despertou em Delfim o sonho de uma cidade que moral e socialmente pretendesse realizar o ideal cristão da fraternidade na paz, a começar pelo próximo mais próximo, até o próximo mais longínquo. Reconhece que a situação contemporânea dificulta os compromissos morais. Reconhece também que o esforço individual ainda não promoveu uma sociedade eticamente organizada. Contudo, aposta no potencial humano e encontra luzes no ensinamento evangélico, que constitui um permanente convite ao encontro com o outro na dimensão do amor. É nesta direção que o homem deve ser educado. Educar significa trazer para fora, fazer aparecer o que reside dentro de cada um como valor de comunhão com os outros. A universidade deve cuidar da formação humana, contribuindo para tornar a cultura orientada para os valores do espírito, desafio amplo do próprio homem.

Para além do racionalismo, o pensador português enfoca a importância de um humanismo integral capaz de superar o individualismo e resgatar um relacionamento positivo com a alteridade. Neste processo de humanização surgirá uma cultura com base em dois princípios fundamentais: o da solidariedade e o da reciprocidade, que encontram ressonância na concepção cristã da fraternidade entre todos os homens. Eis, pois, o caminho de transcendência que poderá transformar esse modelo de sociedade brutal em uma sociedade marcada pelas relações respeitadas e humanizantes.

Carvalho, depois de traçar as linhas mestras do pensamento de Delfim, conclui o seu trabalho pontuando as lacunas ali existentes. Faz isso com muita propriedade, rigor, lucidez e perspicácia. Devido à brevidade com que as questões são tratadas, este livro será mais útil sobretudo para aqueles que já possuem um certo conhecimento de filosofia e que queiram aproximar-se do pensamento contemporâneo.

Quanto à apresentação gráfica, há alguns descuidos, dos quais são indicados aqui apenas estes: na p. 9 o uso de pôr em lugar de 'por', e 'Djacir de Menezes' em lugar de 'Djacir Menezes'; na p.15: 'Paz é Guerra' em lugar de 'Paz e Guerra'.

Por outro lado falta a esta obra, destinada ao público brasileiro, uma pequena biografia de Delfim Santos, acompanhada de breve histórico de sua produção filosófica, através da apresentação de suas obras no evoluir de seu pensamento.

José Roberto Filho